

A LÍNGUA INGLESA, COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NAS NEGOCIAÇÕES, EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

André Luiz Prates Coelho

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Ana Lúcia Paiva Luz Prates

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo

Este trabalho analisa o uso da língua inglesa no contexto das relações comerciais, em âmbito nacional, visando ao entendimento desse idioma como instrumento facilitador de comunicação, quando do fechamento de negociações. O objetivo desta pesquisa foi verificar a necessidade da língua inglesa na esfera dos negócios, em situações práticas de comunicação - falada ou escrita, revelando como acontecem essas abordagens comunicativas no ambiente de trabalho e durante as viagens, congressos e convenções, no Brasil e no exterior. Desse modo, destacaram-se as experiências cotidianas com o idioma, dentro e também fora das empresas. Através dos relatos das situações vivenciadas, procurou-se também refletir sobre alguns elementos inerentes aos estudos linguísticos, como a opinião dos entrevistados a respeito da importância do inglês para o mundo dos negócios na atualidade e alguns aspectos culturais implicados no processo comunicativo. Também buscou evidenciar que o ensino da língua inglesa é precário na escola básica, restringindo a incipiente conteúdo gramatical e quase nenhuma prática na habilidade falar. Os colaboradores desta pesquisa são 04 profissionais dos setores do comércio da cidade de Vitória da Conquista, no estado da Bahia. Esta pesquisa é de natureza qualitativa, para a qual as entrevistas foram efetuadas, tomando-se como base um questionário com perguntas pré-estabelecidas, sobre a temática abordada, buscando contributos metodológicos para apoiar as reflexões acerca do uso do inglês para o mundo dos negócios.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Negociação. Globalização.

1 Introdução

Não há como duvidar que a língua inglesa (denominada LI) é algo global e que está sempre em permanente expansão. Presente em muitos e variados contextos, percebe-se a necessidade do seu conhecimento, “a fim de se modernizar, de poder se comunicar bem em diversas situações do cotidiano e de se tornar mais competitivo profissionalmente no mercado mundial, dentre outras coisas” (LIMA, 2012, p. 7).

Atualmente, o inglês é a língua nativa de mais de meio bilhão de pessoas, sendo a língua mais falada do mundo por não-nativos e, provavelmente, o único idioma que possui mais falantes não-nativos que nativos. São três falantes não-nativos para cada falante nativo (SIQUEIRA, 2005, p.14). Observa-se que a pluralidade de situações em que alguém se depara com os discursos construídos em inglês em diversos meios de comunicação como a televisão,

internet, livros, propagandas, faz com destaque a importância de seu ensino, sendo a língua inglesa atualmente responsável pela grande parte das informações disseminadas acerca dos fatos que acontecem em todo o planeta.

Nesse sentido, a LI se constitui em um veículo de acesso a várias instâncias do saber e, em sua viagem de propagação permanente, é possível identificar elementos com os quais ela vai tecendo relações e que importa considerar, uma vez que são indispensáveis a uma análise mais completa do universo do saber humano. Dentre esses elementos, alguns são abordados aqui, no intuito de verificarmos a reciprocidade entre eles: o cenário atual de mundo sem fronteiras (a globalização), o complexo de experiências que assinam a marca de um povo (a cultura) e os aspectos linguístico/culturais, como os obstáculos enfrentados pelo aprendiz/falante de uma Língua Estrangeira (LE), comumente denominado de barreiras linguísticas. A delimitação do objeto de estudo dessa pesquisa como sendo a LI, no âmbito das relações comerciais, atende a uma curiosidade inicial que logo se transformou em necessidade de saber qual o impacto da LI na comunicação voltada para o mundo dos negócios. Para tal fim, foi aplicado um questionário, composto de algumas informações básicas para o público-alvo da pesquisa, composto de 04 gerentes de empresas privadas, sendo 03 do sexo masculino e 01, do feminino, o que foi respondido pontualmente. Sendo assim, como exposto no presente trabalho, foram traçados como objetivos, analisar as situações práticas de comunicação de profissionais no fechamento de negócios a partir das suas experiências na habilidade oral com o idioma; examinar a atual necessidade do inglês para as transações comerciais e alguns aspectos culturais implicados no processo comunicativo; demonstrar que o ensino da língua inglesa é incipiente na escola básica, restringindo a um básico conteúdo gramatical e quase nenhuma prática na habilidade falar.

Através da globalização, a abertura das fronteiras entre os países passou a viabilizar as relações socioeconômicas, linguísticas e culturais de forma dinâmica e plural. Essas mudanças suscitaram uma nova maneira de ver e pensar o contato entre os habitantes do planeta, diminuindo distâncias e quebrando paradigmas. Em vista disso, tem sido cada vez mais necessário o conhecimento linguístico como ferramenta de comunicação entre os sujeitos participantes desse processo, como forma de ampliar o conhecimento das culturas, bem como fechar acordos comerciais. A motivação para a presente pesquisa partiu da reflexão como professor de idiomas, ao lançar um olhar sobre o alcance da LI para além da sala de aula.

2 Justificativa

A língua inglesa é atualmente a língua internacional. Sua presença no mundo contemporâneo é cada vez mais notável. Por isso, ela tem se tornado, a cada dia, mais importante para a nossa vida profissional e também para a nossa inserção no mundo globalizado. É por meio dessa língua que diferentes povos estão cada vez mais próximos e conectados pois, por conta da sua força política no mundo, podemos nos comunicar em quase toda parte do globo em inglês. Moita Lopes (2008) explica que a força política do inglês se deve à importância do Império Britânico no século XIX e ao predomínio dos Estados Unidos da América – com sua forte economia – após a Segunda Guerra Mundial. Segundo esse autor, hoje o inglês é, sem dúvidas, a língua mais estudada em torno do planeta Terra.

No mundo dos negócios, busca-se a realização profissional aliada à satisfação econômica. O interesse em se buscar a aprendizagem de uma língua estrangeira de abrangência mundial, mediadora de realizações diversas, traduz uma necessidade constante para a inserção do homem multifacetado no mercado internacional. Nesse contexto, a pesquisa mostra que o conhecimento do idioma inglês, nos dias de hoje, é uma ferramenta pessoal que viabiliza o fechamento de negócios, atingindo bons resultados nas transações realizadas; fato que impacta significativamente na vida dos profissionais envolvidos. Diante da grande pluralidade de contextos em que o idioma inglês pode ser utilizado no mundo atual, “urge um novo posicionamento por parte dos responsáveis pelo ensino e aprendizagem, desde a educação básica, deste idioma tão falado e desejado no mundo inteiro” (MARTINS; LIMA, 2015, p. 322).

3 O Fenômeno da globalização

Com o advento da globalização, tornamo-nos todos membros de uma comunidade internacional e, embora vivamos em países diversos e falemos línguas distintas, em determinados contextos necessitamos de um idioma comum a ser compartilhado, a fim de que todos se entendam. Essa universalidade linguística, na atualidade, é exercida pela LI. Com o fenômeno de um mundo plural, o sentido de fronteiras físicas desaparece, as nações abrem as portas e o aproximar dos povos faz nascer uma comunicação dinâmica e interativa. Segundo Crystal (2004, p. 23), a superioridade da LI como língua comum deve-se, sobretudo, “ao poder das pessoas que a falam”. Na concepção do mesmo autor, língua como instrumento linguístico global está intimamente ligada à questão de poderio, de domínio. Então, por causa da

intensificação da comunicação internacional, que aproxima as línguas e as culturas, e por causa de fatores políticos, econômicos, comerciais e militares (LIMA, 2012), o inglês tornou-se a língua mundial, superando o francês na segunda metade do século XX.

A cada momento essa língua é reinventada, transformada e diversificada, já que as multiplicidades culturais de todo o mundo despejam seus traços nela, modificando-a de acordo com as características de cada localidade que a usa. Isso implica dizer que a língua inglesa não pode, de forma alguma, ser considerada como uma espécie de patrimônio de algumas nações; essa língua, portanto, pertence ao mundo inteiro (RAJAGOPALAN, 2011). Em outras palavras, o inglês não pode mais ser visto como propriedade de alguns, uma vez que sua dimensão é global. Dessa forma, uma língua “presente nos diversos espaços geográficos e culturais não se constitui numa uniformidade linguística, ao contrário, há grande diversidade determinada por usos e estilos particulares” (JUSTINA, 2006, p. 31).

“Uma língua não obtém um status genuinamente global até desempenhar um papel importante que seja reconhecido em todos os países”. Essa declaração de Crystal (2004, p. 20), escrita há mais de dez anos, mas ainda tão atual, evidencia uma das características – o reconhecimento – que fizeram do Inglês uma língua internacional ou global. Faz-se dela o veículo de comunicação, quer para tratar de assuntos rotineiros, quer para tratar de assuntos que envolvem trocas de experiências no campo da pesquisa, bem como no ramo comercial, visando a obtenção de lucro através de resolução de conflitos nas negociações.

Ainda segundo Crystal (2004, p. 2), a língua inglesa possibilita a interação com o maior número de pessoas, como nenhuma outra língua é capaz de fazer. A sua expansão é defendida por Moita Lopes (2008, p. 6) como habilidade essencial na escola e também “sendo fundamental no exercício de muitas profissões e útil na construção do conhecimento no mundo universitário e nas redes de comunicação”.

Nesse contexto, há de se pensar em interação entre indivíduos portadores de um objetivo comum: o de permutar interesses na esfera das transações comerciais. E nessa permuta de interesses deve haver igualmente a interferência recíproca entre as línguas dos sujeitos em ação. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca mostrar que essa aproximação por um objetivo comum – os negócios – favorece, simultaneamente, a troca de saberes linguísticos e culturais entre os entes envolvidos na comunicação. A utilização da língua inglesa pelos colaboradores no seu ambiente de trabalho, assim como em situações afins (congressos, feiras e convenções) evidencia a necessidade de aprimorar os conhecimentos do idioma.

Ao se lançarem no mercado de trabalho, compreendemos ser de fundamental importância a preparação dos estudantes para os desafios da vida no mundo dos negócios.

Conforme explica Bagno (2002), o objetivo da escola, no que diz respeito à língua, é formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir na sociedade e ajudar na construção e na transformação desse espaço, ou seja, é oferecer a eles uma verdadeira educação linguística. Os estudos em língua estrangeira, além de se dedicar a uma educação com objetivos mais generalistas, conta hoje com áreas estritamente voltadas a interesses específicos.

Com a maior conscientização e necessidade de se aprender uma língua para fins específicos, nasceu o ESP (English for Specific Purposes), o qual tem, como principal característica, a preocupação com situações, palavras, terminologias e aplicações relacionadas à área dos negócios. Esse tipo de desdobramento do Inglês representa uma ferramenta personalizada que serve a propósitos bem definidos pela necessidade de cada aluno/usuário. Busca-se, com essa abordagem, um caminho de excelência profissional, situando o falante da língua dentro de um planejamento linguístico voltado para as suas reais aplicações.

No tocante ao mundo dos negócios, a importância da comunicação internacional é elementar na realização das mais diversas transações comerciais entre os países, e conhecer a língua mediadora desses serviços é, sem dúvida alguma, um diferencial que transforma a vida de quem a utiliza e torna favoráveis os resultados almejados, ao mesmo tempo em que aproxima pessoas/culturas diferentes. Como pontua Silva (2012):

[...] o uso do inglês como língua internacional (ILI) leva à crescente desvinculação entre a língua e os espaços geográficos restritos a países ou nações específicas, passando o idioma a ser apropriado nos mais diversos contextos e para diferentes propósitos [...] (SILVA, 2012, p. 11).

Desse modo, acreditamos que as reflexões contidas nesta pesquisa possam contribuir para os estudos de professores, estudantes e pesquisadores no sentido de se perceber a LI como ferramenta cada vez mais indispensável no mercado de trabalho na atualidade.

4 A realidade do ensino da língua inglesa nas escolas públicas

É notório que, nos tempos atuais, o mundo se comunica e se conecta a uma língua única, a qual tem trazido inúmeros benefícios, tanto na área de negócios, como em outras tantas, a exemplo de saúde, na qual os cientistas do mundo inteiro estão, a cada dia, buscando a cura através de novos remédios para diminuir as enfermidades. Se por um lado, o cenário de uma sociedade globalizada em que as distâncias entre culturas e países estão sendo encurtadas pelas

tecnologias digitais e a língua inglesa se desponta como língua internacional, mediando as relações comerciais, políticas e culturais, por outro, o sentido do descrédito no ensino de inglês, ofertado na educação básica no Brasil, parece ainda resistir às demandas do mundo contemporâneo, apresentando novos desafios à prática pedagógica do professor.

O problema que se apresenta, a partir dos discursos dos alunos entrevistados, referentes às expectativas de aprendizagem da língua inglesa e o discurso dos documentos oficiais, é que este último, notadamente, apesar de informar que, dentre os eixos organizadores que compõem a língua inglesa a habilidade oral ter um papel relevante, pois envolve práticas de linguagem em situações com foco na compreensão (escuta) e na produção oral (fala), na realidade das escolas públicas esta situação não acontece. Ao enfatizar apenas uma das habilidades (ler), de forma precária, em detrimento de outras formas de utilização do idioma, dentre as quais estão os eixos oralidade e escrita, ferramentas muito importantes neste momento plural, a escola pública pode tanto fomentar a crença de que não é possível aprender o idioma na escola, quanto indiretamente camuflar a existência de práticas pedagógicas tradicionais realizadas por professores com pouco conhecimento no idioma (BRITO e SCHMITZ, 2009).

Em situações do cotidiano das aulas de língua inglesa, é comum ouvir muitos docentes afirmarem que os alunos sabem muito pouco e estes, por sua vez, alegam ser muito difícil aprender uma nova língua, agregando-se ainda os problemas familiares e o baixo nível socioeconômico, o que faz com que estes apresentem, cada vez menos, um interesse pela aprendizagem da língua estrangeira.

Barcelos (2006) sugere que, para haver um aprendizado da língua inglesa na escola pública, o ideal seria uma comunhão entre um planejamento eficaz e o esforço consciente do professor de língua estrangeira em se comprometer com uma educação de qualidade. Isso requer um entendimento sobre as aspirações e crenças dos discentes, como também uma percepção da troca de ideias e da meditação sobre as experiências vividas, em meio de uma aprendizagem reflexiva.

Diante desses dilemas, que emergem no cenário da aprendizagem do inglês em escolas públicas, constata-se que é preciso investir em formação continuada, compreendendo que a especificidade do ensino e da aprendizagem de língua inglesa, com seus limites e possibilidades, requer que propostas pedagógicas, advindas das políticas públicas, sejam repensadas a fim de que a aprendizagem seja emancipadora e que os futuros profissionais possam levar para o mercado de trabalho mais um diferencial nas suas habilidades.

5 Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa pela especificidade em trabalhar com as questões do idioma no âmbito das relações intersubjetivas, ou seja, faz uma análise do objeto pesquisado - a língua inglesa na comunicação para fins comerciais - a partir das interações estabelecidas entre os vários sujeitos, inseridos em um determinado contexto. A pesquisa qualitativa implica não só na exploração do conhecimento, mas na construção e reconstrução da realidade de quem dela participa, seja o pesquisador ou os entrevistados (MASON, 2002).

Esta pesquisa foi desenvolvida em Vitória da Conquista, a qual é a terceira maior cidade do Estado da Bahia. Além de ser uma espécie de capital da região sudoeste baiana, com uma população de 350 990 habitantes – a cidade possui um forte ímpeto comercial. O ambiente mercantil do município recebe, diariamente, uma robusta presença de pessoas das regiões circunvizinhas e até de outros estados brasileiros, devido à malha rodoviária e aérea ser bastante satisfatória. Por conta disso, a cidade de Vitória da Conquista se tornou uma boa atmosfera para a realização desse estudo, já que o uso da língua inglesa permeia, ocasionalmente, as falas no segmento do comércio, onde está voltado para a agricultura, esta como ponto forte a exportação do café, e pecuária, com matrizes bovinas de qualidade para corte.

Como material selecionado para o levantamento dos dados, foi utilizado o recurso das entrevistas, gravadas em mídias digitais (gravador de smartphone). As gravações das entrevistas foram feitas de maneira informal, ou seja, em um clima tranquilo, através de relatos descontraídos, em que os quatro colaboradores respondiam às perguntas do questionário de forma livre, alguns em seu ambiente de trabalho, durante o intervalo, ou em uma sala de aula de um curso preparatório para concursos, previamente agendado, nessa cidade. Os colaboradores eram convidados a responder a um questionário com perguntas predefinidas, narrando as suas experiências profissionais e pessoais com o inglês, de forma a se sentirem bastante confortáveis com a situação.

Quanto ao perfil linguístico, dentre os (04) quatro participantes, (02) dois deles já possuem um nível intermediário de proficiência na LI (*Wendel e Diogo*). O terceiro, possui um nível básico de conhecimento no idioma e consegue se comunicar ainda com certa dificuldade (*Daisy*), e o último, entende poucas palavras e não estabelece uma comunicação satisfatória, fazendo uso de tradutores eletrônicos em todas as oportunidades (*Henry*). Foram dados esses nomes fictícios para melhor identificar as falas de cada um. Em relação ao ramo de negócio,

dois deles são gerentes de bancos de bandeira estrangeira (*Wendel e Daisy*), 01(um) é diretor geral de uma faculdade local (*Henry*) e o outro, trabalha no ramo de seguros (*Diogo*).

Em relação ao nível de escolaridade, *Wendel e Diogo* são administradores de empresas, graduados em universidade pública local, *Henry* é bacharel em Direito, oriundo de instituição pública federal e *Daisy* é licenciada em RH, por uma faculdade privada da região. Todos tiveram o primeiro contato com a língua inglesa a partir da educação básica, ora pública (*Daisy e Henry*), ora privada (*Diogo e Wendel*) mas, posteriormente, matricularam-se em escolas de idiomas para melhorar o nível de oralidade. Por motivos particulares, nem todos conseguiram concluir o módulo básico, e o nível de comunicação da LI pôde ser compreendido no parágrafo anterior. Em relação ao aprendizado do idioma inglês, dentro da matriz curricular da educação básica, *Daisy*, que estudou em escola pública, revela

[...] me recordo da precariedade do ensino da língua inglesa na escola pública, em que cursei o ensino básico onde, nas aulas, só havia repetição de um conteúdo bastante voltado para aspectos gramaticais e o mais lembrado é o verbo *to be*. Outro detalhe que me recordo é a minha professora mencionando a respeito a um discurso presente em nossa sociedade – o da falta de instrumentos para os professores da rede pública promoverem um bom ensino da língua inglesa. Por isso, o meu objetivo hoje é buscar falar bem a língua inglesa. Já entrei em alguns cursos aí, mas eu ainda não... consegui levar... não sei, acho que deve ser por conta do método, ... não consegui ainda muita coisa não.

Os momentos narrados pelos entrevistados constituem-se em experiências valiosas, uma vez que “não são situações criadas em laboratório, mas sim práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana” (FLICK, 2009, p. 24). Dessa forma, os fatos transcritos e analisados representam um momento precioso, uma vez estarem à disposição de pesquisadores para embasamento de trabalhos futuros, bem como observar como o aprimoramento da LI tende a se intensificar, à medida em que os entrevistados alcançarem níveis mais avançados nas habilidades do idioma.

6 Análise de dados

As leituras e a análise foram feitas com um olhar voltado para os relatos dos colaboradores sobre como as suas vivências impactam em sua forma de ver e sentir os eventos do cotidiano. Os relatos demonstram que a realização de negócios bem-sucedidos depende de uma satisfatória comunicação entre as partes envolvidas. Falando sobre a importância de se saber a LI para o pleno resultado dos negócios, os colaboradores relataram o seguinte:

Wendel - “Foi satisfatório porque quando a transação é feita da melhor forma possível e que os dois lados saiam ganhando, então o trabalho foi bem feito, a comunicação foi tida com sucesso”.

Diogo - “Satisfatório. Objetivos atingidos. Desde que a empresa iniciou, sempre houve demanda para seguros, e esse cliente de Dubai, o Hassam, residindo em uma cidade próxima, teve o seu seguro empresarial feito pontualmente. A comunicação foi toda feita em inglês e a escrita, apesar de ser em português, por se tratar de um documento do Brasil, foi tudo explicado direitinho”.

Daisy – “[...] em ligação telefônica, por exemplo, é mais raro, acontece também, mas é mais raro, porque a gente tem mais dificuldade. Eu, às vezes quando quero falar, prefiro usar o WhatsApp, porque aí você... o inglês quando você ouve pelo telefone é terrível para você comunicar, e no WhatsApp não, você faz, você corrige...”

Henry – “Quando viajo para o exterior, e faço isso com uma certa frequência, procuro fazer uso de tradutores para auxiliar na comunicação. Percebo que o domínio do idioma inglês auxilia, e muito, numa troca efetiva de ideias, possibilitando o fechamento de convênios para a instituição em que eu trabalho”.

A experiência dos colaboradores da pesquisa com a LI evidencia diversos momentos de necessidade do uso da língua. Os colaboradores precisam fazer uso da comunicação em LI, desde o momento em que embarcam no voo internacional até a participação de grandes congressos, onde interagem com profissionais do mundo inteiro. Vivenciam oportunidades, também aqui no Brasil, para resolver trâmites burocráticos, a exemplo de operações de câmbio e vendas de seguros. Os ambientes virtuais são, na modernidade, outros meios de se comunicar, principalmente de forma escrita, como nos revela *Henry*, ao dizer da sua preferência em usar o e-mail ou o WhatsApp, que são alternativas para se utilizar a habilidade escrever, ao invés da oralidade propiciada por uma ligação telefônica.

Outro aspecto importante em relação ao uso da LI é conhecer a cultura dos países com os quais se negocia, ou seja, a questão cultural também se apresenta na mesa de negociações. Defendemos enfaticamente o pensamento de que os aspectos culturais de um povo não podem ser dissociados dos fatores linguísticos. Nesse sentido, a língua segue a mesma dinâmica, porquanto é um signo social, que pré-existe ao indivíduo, o qual não pode ser concebido isoladamente, mas como ser social (BAKHTIN, 1981). Essa “sociabilidade” da língua e da cultura faz o indivíduo acontecer, onde estiver situado. Alves e Siqueira (2016, p. 413) assinalam que

“O inglês hoje, como causa e consequência da globalização, serve como o meio mais comum para a comunicação internacional e, principalmente, intercultural”.

Wendel comprova quão relevante é o saber cultural para o meio profissional no qual atua, ao dizer: “E isso é muito importante na hora de fechar um negócio, [...] O respeito pela cultura do outro, sem dúvidas, dita regras na mesa de negociações. *Henry* demonstra o cuidado em se conhecer a história, o jeito de ser do outro antes de viajar e está ciente de que, ao se ignorar os aspectos culturais de um povo, pode se criar entraves, barreiras, que podem dificultar ou mesmo impedir a conquista dos objetivos traçados: [...] porque às vezes você fala uma coisa daí ofende, tal”. O mesmo fato é lembrado por *Daisy*, ao dizer: [...] acho que é de extrema importância saber a cultura deles porque realmente você pode acabar fazendo algo que seja talvez uma ofensa ou... se portar da forma errada, entendeu? Entender como funciona... Desta maneira, os colaboradores demonstraram saber “que a consciência linguística e cultural, e ainda, a habilidade do falante de interagir e negociar com seus interlocutores, irão influenciar muito mais na estabilização da língua do que o conhecimento das normas padrão dos falantes nativos” (ALVES; SIQUEIRA, 2016, p.426).

As barreiras existentes no ato da interação podem acontecer nas mais diversas situações, inclusive nas relações de trabalho, e afetar de maneira negativa a experiência da comunicação. Sem dúvida alguma, quanto maior o nível de conhecimento da língua estrangeira utilizada, menor a possibilidade de que os falantes (emissores e receptores) sofram percalços no processo da troca de informações. Mas apenas conhecer a língua do outro não quer dizer que não haverá ruídos entre os comunicantes, pois há outros fatores importantes que também interferem no processo comunicativo, os fatores culturais.

A limitação com a LI declarada por *Henry* e *Daisy* pode transformar-se em motivação para a busca do conhecimento na língua estrangeira, pois

“[...] é possível vencer todas as barreiras se o aprendiz tiver a determinação e a garra necessária para levar adiante seu objetivo” (RAJAGOPALAN, 2011, p. 55).

O objetivo em atingir sucesso numa comunicação, em que proporcione um nível satisfatório nas negociações comerciais, pode constituir-se em um primeiro passo para a aprendizagem da LI, a língua que, de acordo com os relatos já registrados neste trabalho, é a língua do mundo dos negócios e da Tecnologia da Informação (TI) na atualidade.

7 Considerações Finais

Esta pesquisa refletiu, de forma simplificada, acerca do status atual do Inglês como língua global, uma língua sem limites em um mundo sem fronteiras, impulsionada pelas

questões de ordem econômica, política e militar da grande potência mundial que a fala – os EUA, mas principalmente pelo movimento de um mundo dinâmico e plural. Foi tratado também da importância que existe nos aspectos culturais implicados na comunicação, bem como os entraves que podem dificultar o processo comunicativo. Esse processo de entrelaçamento entre língua, cultura e barreiras linguísticas nos mostra que falar de língua implica mais do que assimilar o conteúdo na sala de aula. Cabe dizer que o locus da investigação desse trabalho é fora da sala de aula, mas com ressonâncias teórico/práticas no ensino/aprendizagem de Língua Inglesa; ou seja, é um trabalho realizado extraclasse, cujos desdobramentos são pertinentes ao contexto escolar.

De acordo com os depoimentos dos entrevistados, percebe-se que a língua inglesa é uma língua de credibilidade, ou seja, observa-se que ela está sempre associada a questões positivas, como o seu destaque no cenário mundial; a necessidade e o diferencial de aprendê-la; a facilidade da comunicação em nível global; a imprescindibilidade para o *marketing*, entre outros fatores. Constata-se também que, a deficiência de conteúdo nas habilidades da língua, o qual é oferecido na matriz curricular do ensino básico, dificulta a solidez do aprendizado do discente, sendo este obrigado a recorrer a cursos particulares de idiomas para complementar o saber. Por esta razão, é imprescindível que as políticas públicas, em relação ao ensino da língua inglesa na educação básica, sejam reavaliadas, investindo em formação continuada e criando tecnologias e possibilidades que proporcionem o aprendizado consistente, dinâmico e transformador, capacitando o discente a se comunicar, de forma precisa, quando da sua inserção no mercado de trabalho.

Referências

ALVES, P. C. R.; SIQUEIRA, S. Inglês como Língua Franca: da cena do mundo para a cena da sala de aula. In: Vertentes & Interfaces I: Estudos Linguísticos e Aplicados. **Fólio- Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 413-434, jan/jun. 2016.

BAGNO, M. A Língua materna: **letramento**, variação & ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. p. 13-84

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. **Linguagem & Ensino**, v.9, n.2, p.145-175, jul/dez. 2006.

BRITO, Rute M.; SCHMITZ, John R. Ensino / aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola pública: uma meta alcançável? In: LIMA, D. D. (org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009. p.13-20.

CRYSTAL, D. **English as global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p.20.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JUSTINA, O.D. **Presença e uso de anglicismos no cotidiano brasileiro: a visão de pessoas comuns**. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2006.

LIMA, D. C. de. **Language and its Cultural Substrate: Perspectives for a Globalized World**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2012. 270p.

MARTINS, T. A. A.; LIMA, D. C. de. Ideologia e Ensino de Língua Inglesa: relações e implicações. **Signum, Estud. Ling.**, Londrina, n. 18/2, p. 303-325, dez. 2015.

MASON, J. **Qualitative Researching**. 2. ed. London: Sage Publications, 2002.

MOITA LOPES, L. P. **Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos**. DELTA, São Paulo, v. 24, n. 2, 2008.

RAJAGOPALAN, K. **Language and its Cultural Substrate: perspectives for a globalized world**. Vitória da Conquista: Uesb, 2011. p. 37-48.

SILVA, J. M. da. **Implicações culturais e didáticas do inglês como língua internacional: o livro didático**. 2012. 226 p.

SIQUEIRA, Sávio. **O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês**. **Revista Inventário**, n.4, jul. 2005.

SOBRE OS AUTORES

André Luiz Prates Coelho

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Licenciado em Letras – Inglês pela

Universidade Estácio de Ribeirão Preto – SP. Professor de Língua Inglesa, no Programa de Internacionalização da Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR), em Vitória da Conquista – Ba. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Didática, Formação e Trabalho Docente (DIFORT/CNPq). E-mail: andrepratec@hotmail.com

Ana Lúcia Paiva Luz Prates

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Bacharela em Direito, pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). Professora de Geografia do Instituto de Educação Euclides Dantas (IEED), no município de Vitória da Conquista – Ba. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Didática, Formação e Trabalho Docente (DIFORT/CNPq). E-mail: alucialuz@hotmail.com